

Comprometido com a vida

VANESSA AQUINO

Glênio Bianchetti começou a pintar ainda na adolescência. Trocou Bagé por Porto Alegre na década de 1940 porque não queria ser conhecido como um artista provinciano. Foi aluno de Iberê Camargo no Instituto de Belas Artes da capital gaúcha e começou a ter seu trabalho reconhecido na década de 1950, quando participou do Clube de Gravura de Bagé.

Foi a convite de Darcy Ribeiro que ele desembarcou em Brasília, na década de 1960, para dar aulas no então recém-fundado Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IDA/UnB). Ali, criou o Ateliê de Arte e o Setor Gráfico, antes de deixar a instituição na demissão coletiva de 1963, em protesto ao regime militar. Foi Bianchetti quem articulou a transferência da prensa de Cândido Portinari para a UnB, em 1962.

Diretas Já

A arte sempre foi um instrumento para traçar o perfil humanista que acompanhou Bianchetti a vida inteira. Um dos cartazes da campanha das Diretas Já, durante a década de 1980, foi criado por ele. O tema social já estava nos trabalhos mais antigos como na xilogravura sem título, de 1955, em que um trabalhador rural usa um pilão. Outro dos temas muito trabalhados na carreira é a religião, presente em pinturas como *São Francisco*, em que o santo se agacha para colher uma flor, e a própria *Via Sacra* de Bagé.

Nos anos 1970, o artista participou da criação do Museu de Arte de Brasília (MAB) e deu aulas no Centro de Reabilitação Criadora (Cresça), que serviu de

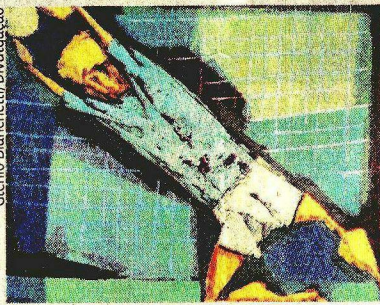
espaço de aprendizagem e convivência de artistas, crianças e adolescentes. "Ele foi meu professor de desenho e de pintura. A gente trabalhava junto, mas era mais que o trabalho, era convivência. A gente não teve mais oportunidade de viver nada parecido com o que foi feito lá, com a orientação dele. O que ficou o sentimento de família, de parceria, de compromisso com a arte. Vai dar um rumo diferente na minha vida. Sem falar nas crianças que viam aquilo como um espaço de prazer, de compartilhamento", relata a artista plástica Luiza Gallina.

Criado por Ailema Bianchetti e Maria do Socorro Coutinho em 1976, o Cresça implantou em Brasília uma escola livre de artes para crianças e adultos com um método de educação expressionista: os alunos eram instrumentalizados com material e estimulados a produzir, se expressar e criar uma linguagem própria.

Nomes como Elder Rocha e Evandro Salles passaram por lá antes de firmar carreira artística. "Era um centro de convergência de quem gostava de arte", conta Salles. "Para a primeira geração de Brasília, das pessoas que vieram crianças, ele e Ailema foram fundamentais. E o Cresça, além de um lugar de formação, abrigou a classe artística num momento fundamental que foi o das Diretas Já."

>> Galeria

Glênio Bianchetti/Divulgação



Trabalhos do artista gaúcho, que veio para Brasília a convite de Darcy Ribeiro nos anos 1960

>> Depoimentos

"Estou muito triste, inconformada com a notícia. Está sendo uma dor muito forte. Ele é uma pessoa especial, que dedicou a vida a Brasília. Tenho um projeto especial que tem a participação dele, chamado *12 ateliês e uma história — anos 1970 e 1980*, que eu criei para mostrar os artistas que estavam esquecidos. Muitos jovens não conhecem a importância, não consideram a existência de pessoas que criaram a base cultural dessa cidade"

Lêda Watson, artista plástica

"Uma perda enorme para Brasília e um buraco no coração dos amigos. A casa dele era um encontro de pessoas. Nunca o vi fazendo críticas ácidas. Vivemos juntos na Universidade de Brasília, fizemos juntos muitas coisas por esta cidade. Uma amizade de 50 anos sem nenhuma rusga. É uma perda que não tem tamanho. Tomei um susto muito grande.

A aglutinação era o traço de caráter dele. Sempre tinha uma coisa bonita. A casa dele era um alto astral, uma coisa do bem, uma pessoa que sempre estava disposta a acolher. A casa do Bianchetti sempre foi um refúgio. Ele sempre manteve uma chama acesa. Um paradigma de decência, que não está no dicionário. Uma pessoa que colocou um nível na história da arte muito alto, junto com Athos Bulcão e Rubem Valentim"

Luiz Humberto, fotógrafo

"Era uma pessoa ímpar. Cheguei a frequentar a família dele. Uma vez fui passar férias com ele na Bahia e foi uma experiência muito rica. Vai fazer falta. Ele era um profissional de muitíssima qualidade. No Rio Grande do Sul, ele tinha muita repercussão. E é um dos artistas de maior repercussão de Brasília. O que eu via era a maturidade na compreensão da cor, era uma coisa que vem com a idade. Ele já está fazendo falta. O projeto que a gente teve juntos foi a amizade"

Luiz Gallina, artista plástico

"Como homem, ele foi uma pessoa íntegra, maravilhosa. Tratava todo mundo com a mesma delicadeza e se firmou como um dos maiores artistas de Brasília, apesar de ter nascido no Rio Grande do Sul. É um artista ícone, como Athos Bulcão e Rubem Valentim. A obra dele é da maior importância. Gosto muito da fase de paisagem e da fase marinha, acho a fase de paisagens a melhor coisa que ele fez. Ele produziu muito"

Fernando Madeira, artista plástico

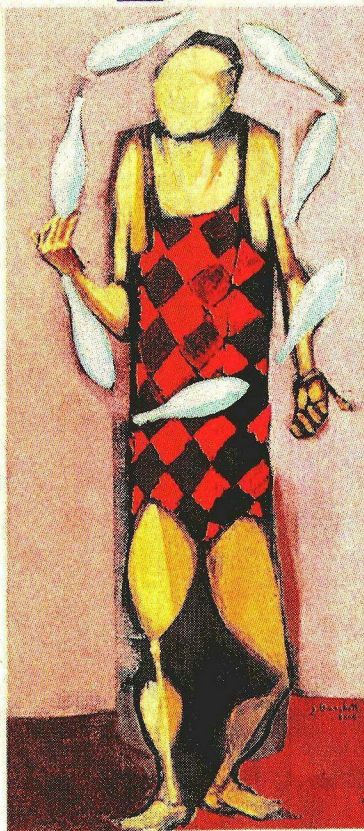
"A morte dele deixa enlutada não só a arte e a cultura de Brasília, mas as artes plásticas do Brasil. Foi um artista importantíssimo, mas, especialmente, foi uma figura humana extraordinária, afetuosa e boa. Foi uma pessoa que praticamente reconstruiu a sua carreira aqui em Brasília"

Vladimir Carvalho, cineasta

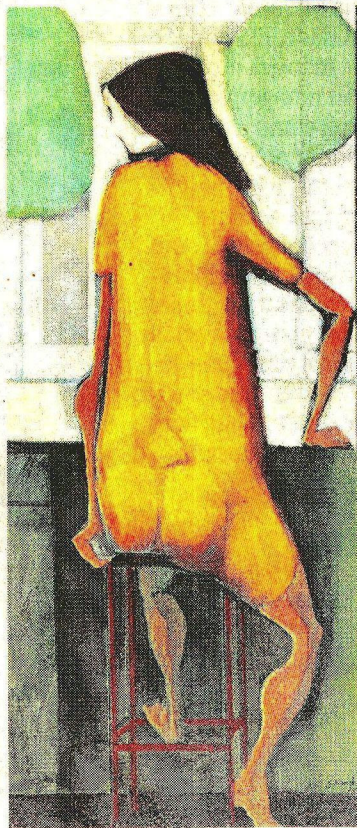
"O Glênio foi uma das pessoas mais generosas e mais bacanas que conheci. Trabalhamos juntos lá no Cresça. Era uma escola de criatividade que atendia crianças, adolescentes e adultos e foi muito importante para todos. Estamos colhendo os frutos até hoje"

Maria do Socorro Coutinho, arte-educadora

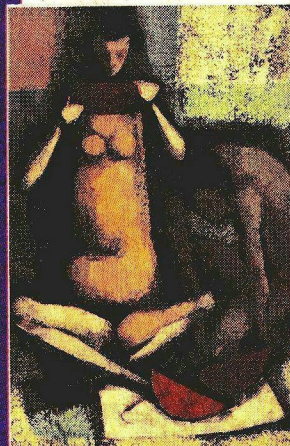
Cristiano Sergio/FotoForum



Cristiano Sergio/FotoForum



Acervo/Caixa



Reprodução Internet

